



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)

Luis Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)

Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)

Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)

Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)

Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)

Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)

Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS –

UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA

UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS

CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011)

(autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República

Patrícia Raquel Lobato Durans

Mestranda do Programa de Pós Graduação em História Social pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). São Luís, Maranhão, Brasil

E-mail: pat.durans@yahoo.com.br

RESUMO

Trata-se de um texto que tem por objetivo analisar as representações formuladas pela literatura neo-ateniense acerca de sua condição intelectual por meio da obra *Vencidos e Degenerados* (1915), de Nascimento Moraes. Trata-se de uma pesquisa histórica de cunho bibliográfico, que busca promover um debate com a historiografia tradicional acerca dos discursos cristalizados em relação à literatura neo-ateniense e a literatura maranhense em geral, discutindo acerca dos conceitos de geração, ciclo, grupo, que categorizam a literatura produzida durante este período, levando em consideração o relacionamento obra, autor, contexto de produção, intencionalidade, efeitos, temáticas e aspectos estético-literários, a fim de refletir sobre os sentimentos, impressões e angústias desse literato em relação à sociedade que representa e que faz parte.

Palavras-chave: História e literatura. Literatura maranhense. Literatura neo-ateniense. Nascimento Moraes. Vencidos e degenerados.

Pobre da ovelha que abandona o aprisco
Para em meio viver de um clima estranho!
- Berrando Mágoas, correrá o risco
De entre ovelhas morrer d'outro rebanho...

Sem pasto... e a sentir fomes sem tamanho
Há de achar o capim tornado em cisco,
Ressequido ao calor de um sol de estanho!
- Pobre da ovelha que abandona o aprisco!

Entre o feno que o chão queimando junca
Correrá para trás... porém mais nunca
Pisará sobre o chão do pátrio cérreo,

E há de, por fim, cair dos átrios
Verdejantes e azuis dos cerros
Morta de queixas sem soltar um berro!

(Inácio Xavier de Carvalho, 1902).



-Jovem ateniense, futura estrela da constelação do Cruzeiro, como vai esta bizzarria? Como vão os gremistas? De que cogitam os adversários ferozes.

(Nascimento Moraes, 1968).

Cultura, representação, imaginário, linguagem. Essas são algumas palavras, ou melhor, alguns conceitos que passaram a ser parte do campo semântico e teórico da História, a partir principalmente de meados do século XX, tornando-se centrais para entender as relações sociais humanas dentro de sua experiência histórica. Esses termos, mais do que palavras propriamente ou mais do que conceitos, revolucionaram o pensamento historiográfico, à medida que este passou a se preocupar não mais tanto com o fato, com a fonte, com o tempo, mas também com o simbólico, o sentido e o pensado e todas as relações que influenciam a visão do homem na sociedade.

Nessa época, a história passou de uma tradição racionalista que acreditava num tempo teleológico, num sujeito cartesiano e em fontes que diziam realmente como o passado aconteceu, para outra [ir]racionalidade, que não concebia o homem apenas em seu estado de natureza, mas como cultura e que concernia a centralidade da história à linguagem e sua capacidade de mediação do contato do homem com o mundo. Nesse momento, chamado de crise da historiografia tradicional ou giro linguístico, acontece a quebra dos paradigmas totalizantes da história científica, para se pensar novas formas do fazer historiográfico, levando em consideração não mais o todo, mas o particular, não mais o fato, mais as relações sociais do dia a dia, não mais a estrutura, mas o que “explica” o homem, a Cultura.

Falando sobre o ressurgimento da narrativa dentro da escrita da história em oposição a uma história estrutural, Stone (1991, p. 15 e 25) coloca que esta estava mais interessada “em sociedades, e não em indivíduos, e confiava que se poderia chegar a uma ‘história científica’ que, com o tempo, criaria leis generalizadas para explicar a transformação histórica”, portanto, a narrativa surge à medida que “um número cada vez maior dos ‘novos historiadores’ vem tentando agora descobrir o que se passava na cabeça das pessoas no passado e como era viver naqueles tempos, questões estas que reconduzem inevitavelmente o uso da narrativa”. Não que a narrativa, entendida como o contar história, tenha deixado de existir dentro do saber historiográfico, porém, em vez de analisar as situações conjunturais e os grandes feitos dos grandes homens, passou-se a contar as experiências dos indivíduos comuns, como pensavam, como agiam, como comiam, como se comportavam, como se relacionavam, ou seja, “o estudo não das circunstâncias, mas do homem nas circunstâncias” (Trevor-Roper apud Stone, 1991, p. 34).



Esses novos estudos chamados de culturais permitiram novos objetos, novos métodos, novas percepções e novas problemáticas e polêmicas. A proximidade da história com a literatura, por exemplo, permitiu muitos estudos e ensaios teóricos interessantes, porém produziu grandes debates em torno das fronteiras entre as duas áreas do conhecimento, assim como do papel da linguagem. À medida que a história se aproximava cada vez mais da literatura, a crítica literária vinha trazendo polêmicas para o campo da história, visto que passa a considerar a história como um gênero literário, com os pensamentos, principalmente de Hayden White e Dominick LaCapra (Kramer, 1995). Da mesma forma, que a atenção dada a linguagem como mediadora e produtora dos significados do mundo tem provocado concepções extremadas que colocam a linguagem como definidora do homem enquanto ser em sociedade. White (1997, p. 21-22) vê a história como um gênero da narrativa, embora diferente da ficção, pois os acontecimentos relatados estão fora da consciência do escritor, ou seja, o historiador se debruça sobre um “caos de acontecimentos já constituídos”, porém, a partir deles, recorta e escolhe os elementos que vai contar: “o historiador ‘põe em enredo’ sua estória”. Por isso, usa conceitos e taxinomias literárias para classificar o discurso histórico. Discurso, para White (1994, p. 15), é o lugar onde se faz presente o “tropos”, entendido como “desvio”, “metáfora”, “style”, ou seja, todo discurso, seja ele literário ou histórico, por ser mimético, deixa “alguma coisa fora da descrição do seu objeto ou lhe acrescenta algo que não é essencialmente aquilo que algum leitor, com maior ou menor autoridade, considerará uma descrição adequada”: “Mesmo na prosa discursiva mais pura, textos que pretendem representar ‘as coisas como elas são’, sem floreios retóricos nem imagens poéticas, sempre há uma falha de intenção”.

O giro linguístico, juntamente com teoria crítica da literatura e a hermenêutica da narração desempenham uma influência no que se chama hoje de Nova História Cultural. Nessa esteira, novas proposições foram atreladas à disciplina histórica, à medida que se constituiu uma diversidade de métodos, de objetos, de temas, de concepções teóricas coexistindo e se entrecruzando.

Não levando em consideração essas visões ditas pós-modernas, mas seguindo as proposições da história cultural. Nesse sentido, pensar a sociedade maranhense a partir de obras literárias produzidas em determinada época torna-se um estudo possível, atualmente, dentro da disciplina histórica a partir do momento que se relativiza a noção de fonte histórica, vendo-a como vestígio, indício, evidência, e por meio da noção de representação, entendida como “relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente” (Chartier, 1990, p. 17 e 21), a fim de “identificar o modo como em diferentes



lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. A literatura maranhense construída no final do século XIX e o início do século XX sofreu grande influência do seu contexto histórico-ideológico, sendo fruto de um ambiente de instabilidade política e econômica, por isso envolta num sentimento de pessimismo e decadência. A chamada “triste e caligiosa noite” que cobriu o Maranhão, definida assim por Lobo (2008, p. 34), depois da morte e das partidas dos seus astros mais iluminados da primeira e segunda geração de literatos, considerados promotores do título de Atenas Brasileira, provocou nos epígonos, autodenominados de neo-atenienses, um pesar e um mal-estar que os incitaram a iniciar uma Renascença literária, cuja tônica maior era muito mais de saudosismo do que de mudança e por meio de suas obras representaram sua sociedade de acordo com o imaginário coletivo da época. Nesse caso, as obras literárias se constituem também como evidência e juntamente com outros vestígios podem remeter um passado possível em que foram construídas, senão, pode-se por meio delas pensar na atuação dos literatos daquela época, pode-se reconfigurar no plano do provável o imaginário daquela contemporaneidade, uma vez que o real e o imaginário não estão indissociados, como coloca Baczko (1985, p. 303):

No sistema de representações produzido por cada época e no qual esta encontra a sua unidade, o ‘verdadeiro’ e o ‘ilusório’ não estão isolados um do outro, mas pelo contrário unidos num todo por meio de um complexo jogo dialético. É nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua ‘verdade’, bem como o lugar que lhe cabe na ‘lógica da história.’

Dentro das dimensões da História Cultural, esse relacionamento entre história e literatura tem suas fronteiras claras, à medida que as duas trabalham com dimensões do real diferentes e formas de imaginação igualmente diferentes. Essa dimensão imaginativa da história não significa dizer que ela não possa apreender uma dimensão do passado, que é verossímil, verídica, baseada em indícios, por isso, real. Dentro dessa perspectiva, as duas trabalham com discursos sobre o real, porém com intencionalidades e formas de construção diferentes.

Nesta perspectiva, Leenhardt e Pesavento (1998, p. 21) acredita que seria um avanço para esse debate pensar a história como literatura e a literatura como história por meio da noção de representação. A leitura do historiador é vista como uma das interpretações entre várias que podem ser feitas. “A ficção não seria, pois o avesso do real, mas uma outra forma de captá-lo, em que ao limites de criação e fantasia são mais amplos que aqueles permitidos ao historiador.”

Pesavento (2000, p. 7-8) coloca que:

[...] Calíope pode ‘ensinar’ à Clío, e vice-versa, num tempo como o nosso, de confluente diálogo entre as diferentes disciplinas ou campos do saber.



Tal como as musas, que participam da construção do mundo, na medida em que “criam” aquilo que cantam, história e literatura são forma de “dizer” a realidade e, portanto, partilham esta propriedade mágica da representação que é a de recriar o real, através de um mundo paralelo de sinais, constituídos de palavras e imagens. [...]

É claro que tanto a história como a literatura têm métodos e exigências diferenciadas e que mesmo suas metas podem ser distintas.

Mas se o historiador, na sua busca de construção sobre o mundo, quer resgatar as sensibilidades de uma outra época, a maneira como os homens representam a si próprios e à realidade, como não recorrer ao texto literário, que lhe poderá dar indícios dos sentimentos, das emoções, das maneiras de falar, dos códigos de conduta partilhados, da gestualidade e das ações sociais de um outro tempo?

E, no caso, a literatura, como pode deixar de se voltar, também, para o resgate da narrativa histórica que, reconstruindo o passado ou inventando o futuro, persegue a verdade como projeto intelectual, revelando com isto a historicização das formas de uma escritura que busca dar ordem ao mudo?

Ambos são discursos conotativos e o cotidiano e a vida real são os motes tanto do fazer literário como do fazer histórico. Entretanto, a principal característica que as distanciam é que mais do que qualquer um, o discurso da literatura tem a consciência estética, ou seja, é baseado no real, mas não tem compromisso com este, objetivando sempre estabelecer o “efeito do belo”: “A literatura [...] é a Terra Prometida em que a linguagem se torna aquilo que deveria ser” (Calvino, 1990, p. 84). Enquanto que, a história, almejando o status de ciência, objetiva que o seu construto verbal seja verdade, ou melhor, seja pautado em provas e fatos e passível de verificação: ‘ O discurso literário ao abarcar o discurso histórico torna-o matéria-prima para a construção do seu universo interno. A literatura não é o discurso do “aconteceu”, é o discurso do jogo de possibilidades; ela não busca o que seria o “efeito do real”, ela é o “outro real” (Baccega, 2000, p. 86).

Sob esse viés, os estudos culturais entendem o homem na vida social tentando pensar o imaginário, as ideologias e suas práticas, na qual podemos resumir em uma única palavra, a sua cultura. Esta entendida não no sentido de manifestações artísticas, ou em oposição à natureza, mas como coloca Hall (2003, p. 141 e 142) “algo que se entrelaça em todas as práticas sociais”, sendo estas práticas atividades humanas comuns, “como a atividade através da qual homens e mulheres fazem a história”.

Eagleton (2005, p. 16) coloca cultura e natureza em uma relação dialética, uma vez que ambas possuem uma relação de existência, “a natureza produz cultura que transforma a natureza”, assim como “a cultura é vista como o meio de autorenovação constante da natureza”, pois, ao mesmo tempo em que a cultura transfigura a natureza, esta impõe limites para a ação daquela. Ao mesmo tempo, que a cultura provoca uma mudança profunda do indivíduo, ela o disciplina, o molda, assim “a cultura é uma espécie de pedagogia ética”. Assim, podemos dizer que cultura é vista hoje como um conjunto de



ideias e valores que formam normas e sentido para a ação social. Sobre isso, Hall (2003, p. 136) coloca que:

A cultura não é uma prática; nem apenas a soma descritiva de costumes e 'culturas populares (folkways)' das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologia. Está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas. [...] A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas – 'dentro de identidades e correspondências inesperadas', assim como em 'descontinuidades de tipos inesperados' – dentro ou subjacente a todas as demais práticas sociais.

Essas noções de cultura, imaginário e representação são muito próximas e dialogam entre si. Com esse pensamento, pode-se perceber que a análise dos autores maranhenses que viveram a época da primeira república, guardam em suas obras visões sobre a época em que viveram, constituindo-se assim documentos que incorporam as tensões do seu cotidiano, da mesma forma que constituem discursos, pois, conforme Foucault (2011) mostram como os sujeitos pensam a si mesmo e seu mundo.

Sevcenko (1999, p. 246) define a literatura como instituição, não no sentido formal ou acadêmico, mas no sentido de que possui na história seu elo com a sociedade, sendo assim também se constitui um processo vivo e flexível. Para ele, o ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está centrado na figura do escritor, por isso uma análise que pretenda abranger esses três níveis deve voltar-se “para a situação particular do literato no interior do meio social e para as características que se incorporam no exercício do seu papel em cada período.”

Entre os ciclos literários maranhenses está um nascido com a publicação de *Frutos Selvagens*, de Inácio Xavier de Carvalho, foi constituído pelos Novos Atenienses, um grupo de literatos que apareceu na transição política e econômica do fim do século XIX e início do XX, tendo como pano de fundo o fim da escravidão e a ascensão da República, e como principal motivação restabelecer a vida intelectual no Maranhão com intuito desta voltar à geração gonçalvina, conhecida como Grupo Maranhense, a responsável por conceder a São Luís o título de Atenas Brasileira. No entanto, à literatura neo-ateniense também foi dada uma condição inferior, vendo-a como um conjunto de obras menores e decadentes, e até os próprios artistas dessa fase perpetuaram isso em suas obras. Diante disso, várias perguntas são colocadas para a apreciação e averiguação ao longo do trabalho: O que faz os novos atenienses os menos lembrados e, por vezes, o mais excluído grupo literário maranhense? A literatura neo-ateniense era uma literatura decadente, escrita por poetas menores? Em que pesam essas classificações e esses juízos de valor, como e para que são construídos? Se colocarem como herdeiros de uma tradição mitológica se configurava um discurso internalizado ou



uma estratégia de consagração? Como isso era representado em suas obras? Percebendo a condição intelectual desses autores, confrontando seus pontos de vista, analisa-se a lógica de produção dessa literatura tentando pensar novos parâmetros de avaliação e classificação, problematizando visões cristalizadas acerca dessa historiografia literária.

Para entender melhor tais perguntas, convém pensar acerca da construção do enredo da história da literatura maranhense pela historiografia literária local. A história da literatura maranhense está pautada basicamente na interpretação feita por quatro autores. Carvalho (1912), Moraes (1977), Meireles (1955, 2008) e Lobo (2008) dividem a literatura maranhense em quatro grandes fases. A publicação de *Hino à tarde*, de Odorico Mendes, em 1832, inaugura a primeira fase, que se estende até por volta de 1868. Este grupo chamado de Grupo Maranhense conciliava o final da fase neoclássica e início da fase romântica, que, segundo a crítica literária, concerne à literatura brasileira certa autonomia frente à portuguesa. Com isso, autores como Gonçalves Dias, João Lisboa, Sotero dos Reis fazem parte deste grupo e conferem ao Maranhão o título de Atenas Brasileira. Da época de Gonçalves Dias para cá, o movimento intelectual do Maranhão passou por diversos ciclos literários, com características peculiares, influenciadas pelo contexto histórico e pelos cânones de novas escolas literárias que foram se perpetuando. O segundo ciclo compreende vinte e seis anos, nascendo no final do ciclo anterior e terminando em 1894, e teve como sua obra representativa, *O Mulato*, de Aluizio de Azevedo, publicada em 1881, na cidade de São Luís. Um outro ciclo nascido com a publicação de *Frutos Selvagens*, de Inácio Xavier de Carvalho, foi constituído pelos Novos Atenienses, um grupo de literatos que apareceu na transição política e econômica do fim do século XIX e início do XX.

Nas interpretações dadas por esses autores, os dois primeiros grupos são os responsáveis pelos tempos áureos da literatura maranhense, que experimentou a consagração, com muitos autores tendo as suas obras reconhecidas no cenário nacional. Em contrapartida, ao terceiro grupo foi dada uma condição inferior, vendo-os como um conjunto de obras menores e decadentes, uma vez que não conseguiram alcançar a notoriedade dos períodos antecedentes. Mesmo se autoproclamando de novos atenienses, ou seja, de herdeiros de uma tradição de intelectualidade construída pela primeira geração literária, e suas tentativas de reviver o passado, com criação de sociedades literárias, de locais de debates científicos e culturais, de diversos periódicos e de instituições, a exemplo da Academia Maranhense de Letras, tal grupo foi denominado de decadentista e é desconhecido da sociedade maranhense em geral. Em suma, nas



obras dos literatos dessa época reverberou o discurso da ateniensidade e da decadência, permitindo ver por meio delas um conjunto de representações cristalizadas no imaginário da época e em tempos posteriores.

Nesse intuito, pretende-se perceber, na obra *Vencidos e Degenerados*, as representações formuladas por um intelectual participante desse período acerca das condições de atuação intelectual de literatos maranhenses na Primeira República. Na obra estudada, as referências a Atenas e aos primeiros atenienses (O Grupo maranhense) são constantes, sempre em uma lógica de exaltar o passado e pintar o presente decadente. Nos manifestos do personagem Bento, é possível ver o autor Nascimento Moraes se colocando acerca da situação da literatura maranhense:

O maranhense é um nababo, que vive da riqueza acumulada no passado: Gonçalves Dias, João Lisboa, Gentil Braga, Dias Carneiro, o jornalista de 'O Farol' e outros. E porque é rico, pensa que tem tudo: que tem vergonha, que tem dignidade, que tem brios, que tem coragem. Quando se lhe diz que há tal ou qual progresso, neste ou naquele Estado, ele acorda do seu pesado sono, passa a mão pelos olhos, boceja, espreguiça-se e sorrir, com orgulho, com uma soberba que se não pode esconder, e de que o interlocutor não se pode livrar:

- Qual! Poeta foi o Dias... Antes dele, ele, depois dele, ele. Prosador, o João Lisboa. E quem escreve, ou escreveu crônicas com tanta graça?

Algum espírito culto, leitor de coisas estrangeiras diz a um maranhense: - a instrução pública da França foi completamente transformada. Foram criadas aulas práticas de língua, de agricultura e lavoura, etc., etc.

O maranhense coça a barba, tranquilamente e responde:

- Não há dúvida. A França progride. O que ela não tem é um matemático da força do Gomes de Sousa... Ah, isso é que não! (MORAES, 1968, p. 103-104).

Nesse trecho, pode-se perceber a menção feita, de maneira irônica, à situação do meio intelectual da época, esboçando um meio extremamente inferior ao passado, exaltando os ditos primeiros atenienses. A tônica do discurso da ateniensidade sempre reforçada pelo discurso de decadência, sendo constantemente ressignificada pelos textos em geral desse período tanto literários quanto jornalísticos, como se pode ver por meio dessa crônica veiculada na revista *Filomatia*, a seguir:

[...] Justificado assim o nosso empreendimento, justificação incompleta, mas que encerra o princípio base da maior que nos cabe exarar, lancemos uma vista sobre o nosso meio intelectual, sobre o estado da cultura dos espíritos de nossa sociedade. Um provérbio árabe diz que aquele que, em detrimento do presente, enaltece o passado, semelha indivíduo que vergastasse as crianças com os ossos de seus pais. Este colóquio é justo sempre que o culto do passado é inconscientemente aplicado como açoitamento ao presente, não o é, porém, quanto nos fatos do presente, postos em confronto com os do passado, se demonstra a inferioridade daqueles pais, mas que ensina aos filhos a viverem nobremente como seus pais viveram. Dolorosamente o dizemos, mas o nosso meio bem que se arrasta decadente, a cultura intelectual vai baixa e apocada. Não que falem ao Maranhão estabelecimentos onde se ministrem largamente a educação moderna nos seus aperfeiçoados ramos de cultura; não é a escola que falta, mas o aluno, não é a passada geração que descarta o seu dever, mas a nova que não o compreende. Daí ser o presente do Maranhão por demais inferior ao seu passado onde eram menores as escolas e maiores os alunos. E os alunos eram



aqueles que se chamavam Gonçalves Dias, Joaquim Serra, Gentil Braga e outros não menos ilustres... Nada temos hoje a opor a esses vultos que fizeram a glória maranhense, literatura e ciência baixaram o planalto a que haviam subido (BETHENCOURT, 1895, p. 1).

O próprio Nascimento Moraes, se coloca assim saudoso no jornal *Os Novos*, em que foi um dos criadores, e onde colaborava com as suas crônicas:

Ah! Esse homem não morre para a humanidade. Morram as idéias presentes. Apareçam novos pensamentos, transforme-se a estética do belo, transfigurem-se as impressões da vida material, enfim caiam as escolas literárias, que ele será em todos os tempos admirado, idolatrado, e por sua vez glorificado!
Antonio Gonçalves Dias, o gigante da Poesia, representa o indivíduo dessa espécie de gênios.
Sua memória será eterna; perdurará pela imensidade dos séculos! Seus livros difundirão seu nome pelas plagas longínquas. E todos que sentem estalar no peito a dor da saudade pátria, encontrarão neles, um lenitivo santo, um lenitivo puro (MORAES, 1900, p. 3).

Basicamente, a história apresenta e dois personagens principais, dos quais suas ações vão mover a trama. Ambos são intelectuais, homens das letras, João Olivier, adota um menino, Cláudio Olivier, filho de dois ex-escravos, que vai herdar a aptidão das letras de seu pai adotivo. A história, em resumo, mostra a atuação desses dois intelectuais em épocas subsequentes, seu cotidiano e as dificuldades dos dois em se manter no Maranhão vivendo desse ofício, sua trajetória intelectual. Na narrativa da vida dos dois aparece mais um intelectual, o Carlos Bento Pereira, professor de ambos, além de diversos outros que têm uma série de conflitos que permeavam a vida social maranhense, no século XIX e XX.

João Olivier era um mestiço, vivia com sua mãe e irmãs, era guarda-livros, porém colaborava com os seus escritos em jornais de grande circulação da cidade, com seu estilo único, sarcástico e pilhérico. Era abolicionista e transitava pelos diversos setores da sociedade da época: das camadas populares aos setores burocráticos. É caracterizado como:

Uma prosa encantadora, fluente, salpicada de notas alegres e leves, até quando tratava de fatos, por sua natureza, graves e sérios. Suas crônicas eram as mais apreciadas da província, e fora dela, corria o seu nome, em evidência, recomendado, pela pureza da linguagem, muito parecida, pela forma e pela ironia, com o do afamado folhetinista e poeta maranhense, Gentil Homem de Almeida Braga, à cuja leitura Olivier, arrebatado, por uma admiração incondicional, muito se entregara, de modo que os seus primorosos trabalhos, saíam impregnados daquele suave perfume, que ainda o fino gosto artístico, com que aquele cinzelador de tão boa prosa, escreveu o memorável folhetim que ele intitulou. – Ah! Se os holandeses não tivessem perdido a batalha de Guararapes!...(MORAES, 1968, p. 7).

A citação anterior apresenta referência feita ao escritor Gentil Braga, que de fato existiu, e foi contemporâneo dos poetas do primeiro ciclo maranhense, fazendo parte do chamado Grupo Maranhense. Sobre a atuação de João Olivier na vida da sociedade maranhense, é descrito como alguém admirado pelas pessoas da “classe média, que



viam nele um amigo, um irmão”. Sendo adorado pelos “infelizes e desgraçados” também, “os da mais baixa estirpe, os sem nome, sem família e sem árvore genealógica distinta e bem regada”, e visto de maneira desconfiada pelos representantes da elite, devido à sua “ironia e epigrama”, porém que o toleravam e o respeitavam, por causa da “coluna e meia de prosa fluente, saltitante e encantadora que ele escrevia para o jornal de maior circulação na capital” (MORAES, 1968, p. 28).

Porém, a carreira de Olivier em solo maranhense foi interrompida devido à questões políticas. O grupo político ao qual ele se opunha se estabeleceu no governo definitivamente, por isso, a partir daí, passou a ser vítima de perseguição e experimentou alguns anos de ostracismo em sua carreira, enfrentando sérios problemas financeiros. Nem mesmo a sua profissão de guarda-livros já não lhe cobria as despesas mais urgentes, devido à crise no comércio. Tentando buscar melhores condições para sua vida e arte, Olivier partiu para Belém, terra que lhe incitava muitas expectativas para uma colocação como guarda-livros. Em Belém, foi muito bem recebido, seu nome tornou-se conhecido, obteve um emprego no comércio e uma colocação na imprensa oposicionista, com isso podia sustentar a sua família. No entanto, Olivier morreu de umas febres e moléstias do fígado, que já vinham o vitimando desde antes de partir de sua terra. Ao voltar para São Luís, “recrudesceram os seus padecimentos, e ele sucumbiu, numa manhã de abril deixando a família em completa pobreza” (MORAES, 1968, p. 43).

Da mesma forma que João Olivier, Carlos Bento, seu professor também foi vítima de perseguições políticas devido à sua militância:

Era jornalista e professor. Extremadas lutas partidárias o houveram impossibilitado de trabalhar com os outrora liberais e conservadores. Afastado da imprensa, onde conquistara um nome respeitado, e desafetos sem conta, vivia de lecionar particularmente. O que ganhava, porém, era tão pouco que lhe não dava para meio mês de despesas. Carlos Bento com todo o seu saber e fama vivia em quase completa miséria, em companhia da mulher e de uma rapazito que lhe haviam dado.

O remédio para atenuar as necessidades e não morrer de fome era fingir os antigos amigos, os ex-discípulos agora colocados (MORAES, 1968, p. 30).

O professor Bento representa no romance o intelectual que não deixou o Maranhão. Por meio dele, de suas falas e de seus escritos (panfletos que aparecem ao longo da história), são colocadas muitas críticas em relação à sociedade maranhense e a política da época: o indiferentismo da sociedade diante de assuntos culturais; a perseguição do governo a intelectuais da época; a fluidez dos grupos políticos partidários, a questão da abolição da escravidão que não melhorou a realidade brasileira, o preconceito e a mentalidade arcaica da sociedade maranhense, entre outras.

Carlos Olivier, por sua vez, seguiu a carreira do pai adotivo e herdou dele a habilidade com as letras. Começou trabalhando como professor particular para ajudar nas



despesas da casa. Fundou uma associação literária denominada de “Grêmio Gonçalves Dias”, que tinha um jornal de nome *O Campeão*. A atuação de Cláudio dentro do grêmio, juntamente com outros jovens, a maioria de classe média e baixa, provocou, na população da cidade, uma série de reações, dentre elas, a antipatia e perseguição. Em oposição ao jornal *O campeão*, foi criado o jornal *O Triunfo*, que pertencia à sociedade “Club Odorico Mendes”, em que participavam filhos de políticos, desembargadores, ou seja, parte dos setores mais elevados da sociedade, com o objetivo de responder às críticas veiculadas por aqueles. Cláudio colaborava com jornais de grande circulação na capital, como o *Jornal da Tarde* (que de fato existiu), e ia aos poucos tornando-se conhecido no meio literário. Porém, as perseguições aumentaram quando este envolveu-se amorosamente com uma mulher que pertencia à elite da sociedade, a Armênia Magalhães.

A sociedade da época não poderia tolerar que um jovem advindo de setores baixos, filho de ex-escravos, pudesse, além de censurar e satirizar os burgueses da época, se amancebar com uma mulher de descendência nobre, mesmo esta sendo rameira, uma mulher de vida boêmia e que a sua família estivesse completamente falida. As perseguições aumentaram sobremaneira, xingamentos, tentativas de tocaias e agressões físicas, ao ponto que Cláudio teve que deixar o Maranhão, uma vez que os lugares onde trabalhava iam para ele fechando as portas. Claudio, mesmo após relutar bastante, partiu para Amazonas, de onde só voltou para a festa de comemoração pelo aniversário da Proclamação da República, “rico, orgulhoso, abarrotado de brilhantes, comissionado pelo Governo! [...]” (MORAES, 1968, p. 139).

Constata-se pelo perfil traçado desses três personagens centrais do livro, que são descritos como homens de letras, como intelectuais, três trajetórias bem diferentes, mas que têm um ponto comum, deixar ou não deixar a terra natal para galgar posições melhores em suas carreiras. Percebe-se que João Olivier, apesar da morte prematura, conseguiu, no Pará, certo reconhecimento para o seu trabalho, assim como Cláudio Olivier, longe de seu torrão natal, conseguiu tanta notoriedade que passou até a ser reconhecido dentro da terra que outrora o desprezava. O único que não conseguiu projeção e acabou pobre e em completo ostracismo foi o personagem Bento, que nunca saiu do Maranhão. No texto mesmo, são relatados vários personagens, colegas de Cláudio, que escreviam em jornais, que tiveram que ir para bem longe devido à perseguições políticas, e que só após fazerem sucesso em outras terras é que foram reconhecidos dentro do Maranhão.



De fato, dentro da historiografia literária maranhense pode-se perceber que em geral os literatos maranhenses rumaram para o Sul, e foi de lá que alcançaram notoriedade em sua terra natal, entre os casos podem-se citar Aluísio e Arthur Azevedo, que foram largamente criticados devido aos seus livros de escrita áspera e engajada. No livro, aparecem vários comentários a respeito disso. Nesses comentários, acredita-se que trata-se do próprio autor desabafando acerca de sua condição e de sua realidade:

Essas oitavas foram a felicidade do bacharel e do poeta. Porque ambos progrediram, publicaram obras e asseguraram o futuro de sua família, para não falar de um gozo efêmero da vaidade do homem de letras – ver o seu nome bafejado pela admiração e respeito dos seus contemporâneos. Sofre com essas lastimáveis pendências da terra maranhense, que não mais gozou a dita de reunir em seus seios os filhos ilustres, os que se recomendam por uma competência acima da vulgaridade, pelos que têm merecido nome de intelectuais em todo o país e fora dele. Porque o estúpido preconceito não ofende e amesquinha somente os filhos do povo; enlaça também nos seus braços de ferro os nobres que o alimentam. Entregue a terra aos homens de poucas luzes, aos nulos, aos incompetentes, estes não só repelem os seus iguais que se mostram avantajados em conhecimento, como aniquilam com o peso de sua ignorância as forças vivas do Estado, não promovendo meios de lhe levantar os elementos produtivos, de modo a tornar fácil o substituir-se nela. De maneira que, os próprios filhos dos nobres, que aspiram a alguma cousa pelo preparo que têm, são obrigados a acompanhar os pobres no desgraçado êxodo de todos os anos. Mas nem assim emendam a mão e dão volta ao pensar! Nem assim abrem os olhos à paz e verdade! Persistem no erro que os vergasta, que os põe em fuga da terra que os fez nascer; e os atira muitas vezes a plagas inóspitas onde encontram a morte! Terra perdida! (MORAES, 1968, p.100).

Em geral, dentro da obra de Nascimento Moraes, literatura e política estavam entrelaçadas. Os literatos não podiam exercer suas funções literárias, por sua militância política estar comprometida, uma vez que o autor coloca como função dos intelectuais a militância, a crítica, a observação acurada ao modo como vive a sociedade da época. Para ele, o literato é um ser engajado nas questões sociais que o rodeiam. Suas percepções estão bem colocadas nos relatos do personagem Bento, que se identifica com o seu autor, por ser professor e por não ter deixado o Maranhão, ou mesmo no próprio narrador, que tece alguns comentários sobre assuntos diversos. Em passagem, em que descreve a Praça do Comércio, numa tarde de sábado, o narrador entra no assunto sobre trabalho, tecendo as seguintes considerações:

Trabalhar por vaidade é um fato que hoje ninguém contestar pode. Há muita gente que se emprega, que procura um lugar onde exercer possa a sua atividade, não porque sinta vontade, predisposição orgânica para labutar pela vida; não é também porque o bom senso lhe tenha indicado o caminho do trabalho, como o mais amplo e brilhante, o único que dá lugar a que o homem chegue um dia a possuir o tesouro inesgotável de suas aspirações. [...]
Esses homenzinhos passam pelos mais com arrogância e altivez, medindo-os com o olhar em riste, docemente embalados por um sonho que lhes levante na mente a importância pessoal: é que eles se julgam patrões e pais de família [...]
Contudo, há os que trabalham por necessidade, os que são arrimos de seus pais, pelo menos, os que ajudam a viver, pobrezinhos, sem o alinhavo do confortável e do cômodo [...], nem se unem eles com os demais, para que se não sintam frequentemente humilhados no seu estado precário. [...]



Os que trabalham por vaidade pertencem, na sua maioria, às antigas famílias do estado, ou às que delas descendem. Os necessitados são, na maioria parte, oriundos do povo, pertencem às famílias pobres e desprotegidas, que não se misturam com as que representam a fina flor da sociedade. Os que trabalham por fatuidade são, como os portugueses, mandados buscar nas vilas de Portugal, os futuros patrões, os diretores de Banco, os proprietários e capitalistas. (MORAES, 1968, p.20-21).

Mais críticas são colocadas no panfleto escrito pelo personagem Bento, intitulado *Síntese Social e Política*:

[...] A crise, ou melhor, esta tenebrosa fase que o Estado atravessa, fase de decadência moral, intelectual e material, ainda não subjogou o pensar daqueles, nem a influência perversa e perniciososa de seu aspecto desanimador e enervante, foi até os dias presentes, de tal sorte, que os arrastasse a concluir, como muitos: - que não há mais salvação para esta infeliz terra que é nosso berço, maior padrão de glória inatingível e imorredora, nosso mesquinho presente, e será, se o quisermos, se trabalharmos, se soubermos querer, nosso futuro feliz e olímpico. [...]

Maranhenses ilustres, conhecedores de sua terra, do seu passado e do seu presente, sentem o seu estado mórbido dela, veem claramente o erro nunca visto por muita gente, e se a indignação se manifesta em suas palavras e em seus escritos, é porque sentem também o indiferentismo esmagador dos homens da governança, pelos óbices que entram as forças ativas de toda a coletividade, e o desprezo que lhe votam, igual ao cuidado que egoisticamente se dispensam e aos amigos da grei, beneficiando-se e beneficiando-se! [...] (MORAES, 1968, p.32-33).

Esse estado de marasmo intelectual é reforçado constantemente no livro, denunciando que a população não sabe ler, que faltam instituições de ensino, que não se valoriza as letras e os escritores da terra. Em uma conversa entre Claudio e alguns amigos, é citado *Um livro de crítica*, de Frederico José Correia, assim como a obra *O Pantheon Maranhense*, de Antônio Henriques Leal. Obras que compõe a historiografia maranhense, que tratam acerca da história biográfica de autores maranhenses. *O Pantheon Maranhense* aparece como grande referência na historiografia, onde estão biografados os grandes intelectuais maranhenses. Já *Um livro de Crítica*, por confrontar o *Pantheon Maranhense*, se apresentava quase desconhecido dos estudos acerca dessa temática. Em estudo acerca deste livro, o historiador Borralho (2010), examinando os biografados por Henriques Leal e o próprio biógrafo, constata que ambos possuem características comuns quanto ao seu lugar social: todos fazem parte de uma elite que tem as mesmas orientações políticas, sendo esse livro mais um instrumento para a construção da representação de Atenas Brasileira no imaginário maranhense. Com esse pensamento, afirma assim que Atenas foi uma invenção das elites, sendo delimitada por estruturas de sociabilidades rígidas, uma “coterie” (grupo sectário, grupelho) que elegeu os notáveis baseados em interesses comuns. No diálogo de *Vencidos e Degenerados*, nesse mesmo sentido, aparecem os comentários sobre as duas obras:

- É a terra da ‘coterie’, não há dúvida. O Frederico José Correia, um espírito muito culto, advogado notabilíssimo no nosso auditório, escreveu uma crítica muito



críteriosa e muito justa à 'coterie' de seu tempo. Chama-se o volume – UM LIVRO DE CRÍTICA.

É um monumento de bons conceitos.

- Não conheço, diz o Sotero, tristemente.

- Pois, é uma obra admirável. Lendo-se, chega-se à evidência de que o PANTHEON MARANHENSE de Antônio Henriques Leal, apesar de ser um trabalho de muita utilidade, cheio de brilhantes e honrosas referências, deixou no olvido o duplo de maranhenses ilustres biografados! Antonio Henriques Leal tratou apenas de seus amigos, dos seus íntimos, dos de sua roda! O livro peca pela parcialidade!

- Onde se encontra a obra de Frederico José Correia?

- Hoje é difícil de ser encontrada. Lá um ou outro quarentão a possui... Procuravam, mesmo, abafá-la; a sua divulgação não era própria, não trazia vantagem às letras pátrias (MORAES, 1968, p. 120).

Mais do que um livro de ficção, a obra *Vencidos e Degenerados* permite entender o universo de seu autor e a sociedade que este vivia. O percurso dos intelectuais construídos por Nascimento Moraes, retrata bem o que vivia os intelectuais maranhenses nos fins do século XIX e início do século XX. Porém não só dessa época, pois exemplos colocam que mesmo antes as perseguições a intelectuais eram comuns e sua migração a outras terras também acontecia, como é o caso de Odorico Mendes, por exemplo, que saiu do Maranhão, por discordâncias políticas com o presidente da província, General Costa Pinto, e morreu pobre e esquecido em Lisboa. No entanto, mais tarde, na historiografia regional, Odorico foi referendado como iniciador do ciclo maranhense e tradutor de obras gregas, um verdadeiro gênio, sendo seu busto levado a Praça do Panteão e dando seu nome a praça e lugares públicos.

Estudiosos com Borralho (2010) colocam que, mesmo na época do Grupo Maranhense, esses intelectuais tiveram que migrar para outras terras, porque o Maranhão não oferecia condições para o seu exercício como literatos. A falta de uma organização no ensino, a falta de locais culturais, de incentivo para a manutenção dos jornais que estavam sendo criados e a própria mentalidade da população e dos dirigentes que não investiam em cultura, não permitia que, de fato, São Luís fosse a Atenas. Internamente, São Luís não gozava de tanto esplendor artístico e cultural como se pintava fora dela, devido ao despontar de vários intelectuais que alcançavam consagração nacional. Para este, São Luís ser Atenas foi uma invenção, uma moeda de troca da elite maranhense em se fazer notar, se não fosse devido à importância econômica, que fosse pela sua notoriedade intelectual, uma vez que o centro das decisões políticas se voltava para as regiões mais ricas, no caso o Rio de Janeiro.

Outro fator relevante que se encontra no livro é a delimitação do enredo, se delineando dentro de datas históricas para a sociedade da época. Inicia-se em 13 de maio de 1888, às 8 horas da manhã, na capital maranhense, e a sua narrativa finda-se em um 15 de novembro, em comemoração a já instalada República. Tanto o início quando o final



da história narrada dá-se por meio de uma festa, uma comemoração: o 13 de maio de 1888, com a Abolição da Escravidão, e o 15 de novembro, data da Proclamação da República. No entanto, pode-se ver claramente distinções nessas duas festas. Ao se referir ao 13 de maio, a narração procura evidenciar a festa das camadas pobres, dos negros, dos intelectuais em seus ambientes de comemoração, nos botequins, nos bares, onde a vida boêmia se ambientava, as passeatas feitas pelos pobres, pelos ex-escravos, suas expectativas, seus sentimentos, nas ruas de São Luís, ou seja, o dia da Abolição é colocado como uma festa popular. Já o dia 15 de novembro, que não se tratava do dia da Proclamação da República, em 1889, mas uma comemoração posterior que homenageava esse dia histórico, narra uma festa mais elitista, mesmo mostrando parte do povo que se aglomerava no Teatro S. Luís, fazendo algazarra e até atrapalhando com pilhéria, insultos e gritos a solenidade. Tal festa tratava-se de uma cerimônia que contava com as autoridades e os homens ilustres da terra: o Governador do Estado, membros do corpo burocrático do governo, tanto do alto escalão quanto funcionários públicos e figuras ilustres do âmbito intelectual, ou seja, uma festa das elites em que o povo assistiu sem saber direito o que estava acontecendo. Além dessa preocupação ao caracterizar as duas datas, ao longo da narrativa, elas vão sendo comentadas pelos personagens, principalmente no que diz respeito à extrema expectativa de mudança social em relação a elas e a total frustração dessa expectativa, como nessa fala de João Olivier:

- Porque os fatos nos têm demonstrado que se novas forças não se agitarem no organismo de nossa sociedade, nada teremos feito. Continuaremos indefinidamente neste estado de coisas, à espera de um cataclismo social. Quando se proclamou a liberdade dos escravos eu tinha a alma cheia de esperanças. Estava até certo ponto convencido de que nos bastaria dar um passo para atingirmos certo grau de prosperidade, e começamos a ser felizes. A Proclamação da República ainda mais esperança me trouxe. Avigoraram-se-me as crenças e cheguei a sonhar com um Maranhão intelectual e moralmente livre, a ascender como um deus! Pois com tristeza lhe digo, bastou que transcorressem dois anos de vida republicana! Logo me persuadi de meu erro, e exclamei, no desafogo de minha queixa ao ruir das minhas ilusões, como nosso querido Gonçalves Dias:

- Que me enganei, ora vejo! (MORAES, 1968, p. 31).

Tais datas revelam o tom realista do texto, que mescla fatos reais com ficção, apresentando elementos que realmente faziam parte da realidade da capital maranhense da época. Os espaços da obra são, em maioria, lugares que já existiram ou existem, os nomes das ruas e dos bairros – Rua da Inveja, Bairro dos Remédios, Rua do Sol, Rua do Passeio, Rua de São Pantaleão, Rua Grande, Rua do Desterro; dos lugares e instituições, como o Teatro São Luís, o Hospital Português, Igreja de São Pantaleão, rampa Campos Melo, Praça do Comércio, além das críticas à sociedade da época e descrições do meio social nas diferentes áreas - educação, política e economia -, mostrando o meio



intelectual sendo perpassado por questões de ordem política e sua atuação como homens engajados na luta pela sociedade de sua época.

Enfim, como bem está explícito na capa do livro *Vencidos e Degenerados*, este além de ser um “ROMANCE”, trata-se de uma “crônica maranhense”. Crônica no sentido moderno, entendido, conforme Moisés (2004, p. 111), como um texto que tem o poder da “recriação da realidade”, que “desentranha a perene sucessão anódina de acontecimentos diários”, implicando sempre “a visão pessoal, subjetiva, ante a um fato qualquer do cotidiano”. De fato, em muitos momentos do texto, se tem a nítida sensação de que se está diante de uma crônica escrita em jornal da cidade pelo professor Nascimento Moraes, o tom jornalístico e o realismo permitem que se veja nesta obra também um relato histórico que nos incita a adentrar na história da literatura maranhense e nas visões de mundo do autor, assim como visualizar a história de sua época.

A Atenas retratada no livro também estava presente nas obras da historiografia literária da época e em épocas anteriores e, além disso, outras imagens foram criadas e outros conceitos foram construídos para estabelecer a história da literatura maranhense: a divisão dessa literatura em ciclos e, junto com ela, a classificação de uma literatura maior ou menor, assim como uma idade de ouro e uma idade de decadência econômica que coincidem com a dimensão cultural. Tais discursos, principalmente o discurso de ateniensidade, tornaram-se permanentes no imaginário maranhense. Portanto, quem internalizou de forma mais profunda esses discursos foram esses intelectuais do início da primeira República, época em que Nascimento Moraes viveu, e ao mesmo tempo em que acreditaram no discurso, o usaram como uma estratégia de se inserir dentro da intelectualidade maranhense.

Dentro dessa lógica de delimitações de gerações não se impõe apenas um sentido de temporalidade ou herança, mas uma ideia de classificação e juízo de valor e, de certo modo, impõe uma homogeneização em relação a uma literatura criada na mesma temporalidade. De todo modo, essa delimitação temporal, e porque não dizer puramente didática, não delinea de fato, o que é essa literatura maranhense, à medida que engessa a sua análise e rotula cada “geração” como uma literatura maior ou menor.

Nessa perspectiva, atribui-se a essa primeira geração o status de idade de ouro, por assim dizer, tanto econômica como culturalmente, em que se pôde colher os melhores pés de algodão, assim como os melhores frutos literários de terras maranhenses, que se transformou em berço da intelectualidade letrada da época, recebendo ou construindo o título para si de Atenas Brasileira e revelando homens de letras, até hoje homens vistos como grandes intelectuais em seu tempo, como Gonçalves



Dias, João Lisboa e Sotero dos Reis. Dessa primeira geração “genial” e precursora, os prógonos, as outras vão receber uma herança, “a intelectualidade”, os epígonos, tanto é que a segunda geração vai embarcar no grande sucesso dessa primeira conseguindo a notoriedade não em terras “gonçalvinas”, mas no sudeste brasileiro, como bem se pode notar pelos nomes de Artur Azevedo, Aluisio de Azevedo, Coelho Neto, entre outros. Os integrantes dessa terceira geração, porém, mesmo se dizendo herdeiros diretos da primeira geração, se autodenominando de Novos Atenienses, não conseguiram a consagração, o sucesso das gerações anteriores e se propuseram a serem os responsáveis pela Renascença Literária Maranhense, que se transformou em apenas pessimismo, saudosismo e nostalgia, logo considerados poetas menores. Enfim se atribui a primeira geração os louros, a festa; e a terceira, o contrário, o fracasso, a decadência, não levando em consideração os contextos históricos diferentes, as aspirações estéticas diferentes, as peculiaridades de cada período, as individualidades de cada literato, as redes que se estabeleciam em tempos diversamente diferentes.

Da mesma forma, entende-se que o conceito de geração aí empregado está mais no sentido biossocial, de contemporaneidade e não no sentido defendido por Mannheim (apud Silva, 2003), de afinidade, uma vez que, na prática esses grupos não tinham uma identidade geracional, não tinham as mesmas lutas, nem opiniões, divergiam em muitos pontos, como é o caso de Gonçalves Dias e João Lisboa. Esse último questionava o epíteto de Atenas; assim como os literatos da segunda geração que não estabeleceram qualquer vínculo ou unidade, nem mesmo os irmãos Azevedo, que escreviam gêneros diferentes, assim como um estilo igualmente diferente. Nem todos da terceira geração, denominada por Lobo de novos atenienses, assim se consideravam, senão o que dizer do embate entre este e Nascimento Moraes, os posicionamentos contrários, os periódicos nascidos dessa disputa, as dissidências. Sem falar que dentro de sua contemporaneidade, os dois delinearam carreiras bem diferentes, muitos influenciadas pelas redes que constituíam dentro daquele mundo, enfim, as estruturas de sociabilidades são importantíssimas nesse campo intelectual. Da mesma forma, Sousândrade por muito tempo, foi relegado ao ostracismo na literatura maranhense, ao ser, porém, revisitado, foi inserido como grande escritor da primeira geração, mesmo o seu estilo não confluindo com o Romantismo, nem sendo reconhecido naquela temporalidade.

Portanto, é possível dizer que tais gerações elencadas como formadoras da literatura, comparadas, grosso modo, às escolas literárias, não correspondem a grupos homogêneos que encerram uma única forma de escrita ou de temática, assim como de



atuação social, foram assim construída por uma historiografia, que mais do que fazer uma abordagem baseada em fatores científicos, lhe inculcaram avaliações pessoais do que seria uma literatura boa e ruim. No entanto, mais do que delimitar se a literatura é boa ou ruim, o que caberia mais a um crítico literário do que a historiador, seria mais interesse ao ofício do historiador investigar por que assim essa literatura foi classificada. Pois como coloca Sirinelli (2010, p. 261), ao historiador dos intelectuais não cabe “nem construir um Panteão, nem cavar uma fossa comum.”

Por essa tônica de seus escritos, esse ciclo é chamado de decadentista, que pode ser entendido também de outras muitas maneiras. Não se tratava apenas de uma temática, da influência da época que se configurava estável tanto política como economicamente. Borralho (2010) coloca que os novos atenienses, devido à manutenção do referencial ateniense, deram combustível para que a historiografia consolidasse uma visão hierarquizante.

Sobre esse ponto, Nascimento (2011, p. 3 e 8) afirma que esta noção de regeneração ou ressurreição intelectual está articulada às estratégias de consagração que os próprios novos atenienses puseram em circulação a fim de conseguir carreiras mais rentáveis no que concerne ao campo literário, com o reconhecimento nacional, ou mesmo carreiras na burocracia do Estado, uma vez que Nascimento considera esses intelectuais “sujeitos à demandas e as encomendas que lhes faziam as instâncias dominantes da vida cultural”. Tais estratégias podem ser notadas por meio da noção de herança materializada com a criação por eles da Academia Maranhense de Letras, instituição tradicional de consagração e reconhecimento, que está organizada em uma “genealogia intelectual entre o patrono, o fundador da cadeira e os ocupantes posteriores, busca[ndo] também controlar o processo de transmissão dessa herança simbólica concretizada na cadeira”.

No entanto, o discurso decadente, ao mesmo tempo em que alimentava a sobrevivência desses intelectuais, aliado ao não reconhecimento de expoentes desse grupo no campo nacional, levou-os a serem encarados pela historiografia literária como produtores de uma literatura decadente no sentido estético. Sendo classificados, por muitos, como poetas menores, muitas vezes esquecidos, ao citarem exemplos de escritores da literatura maranhense.

Em suma, as obras de gêneros diversos produzidos pelos chamados novos atenienses, como *Vencidos e Degenerados*, estão permeadas de um sentido ideológico, que é afirmação e exaltação do mito de Atenas e a constante legitimação dos literatos daquele período como os únicos capazes de revivê-la, o que se pode perceber na própria



ênfase que davam a decadência que pintavam a época em que viviam. Percebe-se, no entanto, que tal tentativa de retorno torna-se frustrada, uma vez que esses intelectuais não conseguiram um reconhecimento nem um pouco parecido com os seus grandes inspiradores, sendo pouco conhecidos pela sociedade maranhense atual. Porém, suas obras expressam um pensamento de um tempo, contam uma história e são fortes indícios de uma história que merece ser contada.



REFERÊNCIAS

- Baccega, Maria Aparecida (2000) Palavra e discurso: historia e literatura. São Paulo: Ática.
- Baczko, Bronislaw (1985) Imaginação social. In: Gil, Fernando (ed.), Enciclopédia Einaudi. Portugal: Imprensa Nacional.
- Bethencourt, Manuel de (1895) Philomathia: a nossa revista. Philomathia, Vol. 1, nº 1:1-2.
- Borrvalho, José Henrique de Paula (2010) Uma Athenas equinocial: a literatura e a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro. São Luís: Edfunc.
- Calvino, Ítalo (1990) Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. São Paulo: Campinas da Letras.
- Carvalho, Antônio dos Reis (1912) A literatura maranhense. In: Biblioteca Internacional de Obras Célebres. Rio de Janeiro: Sociedade Internacional. v. 20.
- Carvalho, Inácio Xavier de (1902) Missas negras. Manaus: Livraria Universal.
- Chartier, Roger (1990) A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Eagleton, Terry (2005) A idéia de cultura. São Paulo: Editora Unesp.
- Foucault, Michel (2011) Microfísica do poder. São Paulo: Graaal.
- Hall, Stuart (2003) Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG.
- Kramer, Lloyd (1995). Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra. In: Hunt, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes.
- Leenhardt, Jacques e Pesavento, Sandra Jatahy (1998) Discurso histórico e narrativa literária. São Paulo: Editora da UNICAMP.
- Lobo, Antônio (2008) Os novos atenienses: subsídios para a história literária do Maranhão. São Luís: AML/EDUEMA.
- Meireles, Mário Martins (1955) Panorama da literatura maranhense. São Luís: Imprensa Oficial.
- Meireles, Mário Martins (2008) História do Maranhão. Imperatriz (MA): Ética.
- Moisés, Massaud (2004) Dicionário de termos literários. São Paulo: Cultrix.
- Moraes, Jomar (1977) Apontamentos de literatura maranhense. São Luís: SIOGE.



Moraes, Nascimento (1900) Do alto: a festa de hoje. Os Novos, Ano I, nº 6:3.

Moraes, Nascimento (1968) Vencidos e degenerados. São Luís: Edições Nascimento Moraes.

Nascimento, Dorval do (2011) Nosso céu não tem estrelas: o campo intelectual maranhense na primeira república. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo.

Pesavento, Sandra Jatagy (org.) (2000) Leituras cruzadas: diálogos da história com a literatura. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Sevcenko, Nicolau (1999) Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense.

Silva, Helenice Rodrigues da (2003) A história intelectual em questão. In: Lopes, Marcos A. (org.), Grandes nomes da história intelectual. São Paulo: Contexto.

Sirinelli, Jean-François (2010) Os intelectuais. In: Rêmond, René (org.), Por uma história política. Rio de Janeiro: FGV.

Stone, Lawrence (1991) O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. Revista de História, Vol. 2, nº 3:13-37.

White, Hayden (1994) Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp.

White, Hayden (1997) Meta-história: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Edusp.